

Jolie Gregório Caetano

Conjugalidades insubordinadas: as conjugalidades trans na literatura científica brasileira

Uberlândia

2023

Jolie Gregório Caetano

Conjugalidades insubordinadas: as conjugalidades trans na literatura científica brasileira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Psicologia da Universidade
Federal de Uberlândia como requisito parcial
para obtenção do título de bacharel em
Psicologia.

Orientador: Emerson Fernando Rasera.

Uberlândia

2023

Jolie Gregório Caetano

*Conjugalidades insubordinadas: as conjugalidades trans na literatura científica
brasileira*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Orientador: Emerson Fernando Rasera

Banca Examinadora

Uberlândia, 28 de setembro de 2023

Prof. Dr. Emerson Fernando Rasera (Orientador)

Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia-MG

Ms. Giovanna Loubet Ávila (Examinadora)

Universidade Federal da Grande Dourados – Dourados-MS

Ms. Tatiane Bezerra Oliveira (Examinadora)

Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia-MG

Uberlândia

2023

CONJUGALIDADES INSUBORDINADAS: AS CONJUGALIDADES TRANS NA LITERATURA CIENTÍFICA BRASILEIRA¹

INSUBORDINATE CONJUGALITIES: TRANS CONJUGALITIES IN BRAZILIAN SCIENTIFIC LITERATURE

Jolie Gregório Caetano²
Emerson Fernando Rasera³

e-mail de contato: jogregoriocaetano@gmail.com

RESUMO: As configurações relacionais e amorosas de pessoas transvestigêneres desafiam os conceitos incrustados no imaginário da sociedade e da ciência. Desse modo, essa pesquisa tem por objetivo analisar como estão sendo estudadas as conjugualidades transvestigêneres pela literatura científica brasileira. Realizou-se uma revisão integrativa da literatura, a partir das seguintes perguntas norteadoras: Quem tem pesquisado?, Quais as vozes ouvidas e como? Quais as configurações de relacionamentos aparecem e quais apontamentos são feitos sobre a dinâmica relacional?. A partir delas, analisou-se: (1) instituições de origem e áreas de conhecimento dos pesquisadores; (2) método e participantes e (3) resultados. Essas dimensões de análise permitiram compreender que as conjugualidades trans adquirem configurações de submissão e/ou subversão ao sistema heteronormativo, ora buscando por uma adaptação aos padrões, ora os desafiando e criando novas formas de se relacionar e amar. Foram identificadas diversas lacunas para pesquisas nesse campo, focando em questões étnico-raciais, da sexualidade, das corporalidades, e não binariedades.

Palavras-chave: Conjugualidades; Trans; Amor; Travesti.

ABSTRACT: The relational and loving configurations of transvestigender people challenge the concepts embedded in the imagination of society and science. Therefore, this research aims to analyse how transvestigender conjugualities are being studied in Brazilian scientific literature. An integrative literature review was carried out based on the following guiding questions: Who has been researching? Which voices have been heard and how? What configurations of relationships appear and what notes are made about such relational dynamics? From them, the following were analyzed: (1) home institutions and areas of knowledge of the researchers; (2) method and participants and (3) results. These dimensions of analysis allowed us to understand that trans conjugualities acquire configurations of submission and/or subversion to the heteronormative system, sometimes seeking to adapt to standards, sometimes challenging them and creating new ways of relating and loving. Several gaps for research in this field were identified, focusing on ethnic-racial issues, sexuality, corporeality and non-binarities.

Keywords: Conjugualities; Trans; Love; Transvestite

¹ Artigo a ser submetido ao periódico Mosaico.

² Graduanda em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.

³ Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil. Possui pós-doutorado pela University of New Hampshire, New Hampshire, Estados Unidos. Docente do Programa de Pós-graduação em Psicologia na Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.

INTRODUÇÃO

A conjugalidade, em consonância com a sexualidade e amor, passou por transformações importantes ao longo dos últimos séculos, de modo que há uma complexidade das relações conjugais: de um lado, a permanência de valores e tradições e, de outro, mudanças constantes nas identidades, modelos e papéis (OLTRAMARI, 2009). A saber, há uma permanência das visões trazidas pela cisheteronormatividade, bem como dos papéis de gênero binários advindos do CISTema, em oposição a novos modelos de relações como o poliamor, relacionamentos abertos ou ainda, no que tange ao tensionamentos dos papéis de gênero (ibidem).

Historicamente, evidenciando essas modificações relacionais da conjugalidade, Foucault (1999) aponta que, na Grécia Antiga, o vínculo conjugal era aliado a uma ideia de companheirismo para além da procriação, assim esse relacionamento assumia uma posição de legitimação do ato sexual, mas não o restringia a isso. Já Giddens (1993) pontua que, na Europa pré-moderna, os casamentos baseavam-se em interesses econômicos e, apenas com a introdução do amor romântico, é que se inaugura a ideia de uma história partilhada. De acordo com esse autor (ibidem), o conceito de romance no século XIX teve um impacto significativo na vida social. Especificamente, a ideia de amor romântico tornou-se associada à esfera privada do lar e à maternidade, restringindo as relações a um único modelo legítimo de união: o casamento civil entre homens e mulheres. Essas mudanças tiveram uma consequência particular para as mulheres, que adquiriram conhecimentos sobre o amor e a intimidade, mas muitas vezes às custas do isolamento social e da submissão às necessidades de seus maridos. Vale ressaltar que a adoção do ideal de amor romântico trouxe tanto para homens quanto para mulheres a perspectiva de controlar o futuro, uma estratégia para alcançar segurança psicológica. Nesse sentido, pode-se definir a ideia do amor romântico como a

crença no amor como aspecto central no casamento, a crença na existência de um único e verdadeiro amor, a crença de que o amor dura para sempre, a crença de que o amor supera todos os obstáculos e a possibilidade do amor à primeira vista (MARTINS-SILVA, 2009, p. 18).

Além disso, para Guedes e Assunção (2006), na atualidade, a vivência de homens e mulheres são permeadas pela lógica narcísica de domínio de si e indiferença com o outro. Dessa maneira, o individualismo seria um indicador de insucesso e frustração nos relacionamentos atuais, destacando sua associação com a lógica liberal do capital e o papel das tecnologias de informação e comunicação no estabelecimento de relações efêmeras. Ademais, autores como Bauman (2004) e Giddens (1991) apontam a incerteza que a modernidade líquida trouxe para as relações amorosas, e mesmo diante da efemeridade dessas, ainda assim permanece o desejo das pessoas em sustentá-las. São notáveis os movimentos de revalorização da fidelidade e há uma relevante perseverança na instituição do casamento (ALEXANDRE; SANTOS, 2021).

É importante ressaltar também as transformações nas configurações familiares brasileiras, de modo que, a partir da segunda metade do século XX, houve modificações expressivas no país. Nesse sentido, pode-se citar: a queda da taxa de natalidade, que contribuiu para o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho; mais recentemente, a possibilidade de união civil de casais homoafetivos, bem como da parentalidade (DA MATA; SANTOS; SCORSOLINI-COMIN, 2020).

Em resumo, na Modernidade, o amor se torna um essencial elemento da conjugalidade, de modo que as pessoas se inscrevem numa dinâmica de fracasso ao não encontrar alguém para amar, ou ainda quando esse relacionamento se diferencia daquele idealizado, portanto, o amor seria um objetivo idealmente inalcançável, e, não obstante constantemente buscado (OLTRAMARI, 2009). Porém, é preciso questionar-se acerca de como essa lógica apontada até aqui se inscreve nos corpos abjetos, fronteiros, ou seja, naqueles cuja dinâmica de fracasso já está imposta enquanto verdade última (LOURO, 2018).

Dessa forma, é imprescindível apresentar perspectivas outras que englobem corpos desobedientes, falhas, fracassadas, ou seja, aqueles sujeitos que são violentados pelos dispositivos que compõem a normatividade cisgênera, a qual inferioriza, marginaliza,

invisibiliza e, acima de tudo, inviabiliza existências trans (VERGUEIRO, 2015). Assim, diante de indivíduos que TRANSpõem a noção binária de homem, mulher (advinda do dispositivo biomédico), as relações conjugais também transgridem as concepções trazidas até aqui, como aponta Alexandre (2020) em sua pesquisa acerca dos relacionamentos afetivos de pessoas trans:

Os resultados mostraram que as conjugalidades cis-trans e transcentradas enfrentam inúmeras adversidades em suas trajetórias. A transfobia, até então vivida apenas pelos parceiros trans e pelas parceiras travestis, demonstrou potencial para afetar também seus/suas parceiros/as cis. Esse fenômeno constantemente pressiona os casais para uma zona de marginalidade social, uma vez que seus relacionamentos são classificados como ilegítimos e seu direito de amar e vivenciar a conjugalidade não é reconhecido. Diante dessas circunstâncias, revoltar-se contra o regime de poder heteronormativo não é apenas uma questão de desejo, e sim de necessidade de resistir e afirmar suas existências. (ALEXANDRE, 2020, p. 10-11)

Além disso, destaca-se que a diversidade nos modos de viver a conjugalidade abre também um campo de possibilidades de pesquisa, porém, também demarca lugares de invisibilização. Assim, Alexandre e Santos (2021) apontam que, enquanto os trabalhos em relação aos casais homoafetivos se ampliam, “a literatura sobre o relacionamento conjugal no campo das transgeneridades ainda é incipiente, de modo que pouco se conhece sobre casais dissidentes da cisgeneridade” (Ibidem, p. 3, 2021). Ademais, Erich, Tittsworth, Dykes e Cabuses (2008) argumentam que é notável a negligência quanto ao estudo aprofundado dos relacionamentos familiares de pessoas trans, de modo que, a maioria dos estudos existentes aborda apenas os casais cis-trans, desconsiderando a existência de casais transcentrados, indicam que há uma falta de preocupação em investigar o bem-estar relacional desses casais e também apontam que os estudos focam em perspectivas limitantes dessa população, investigando apenas sofrimentos já esperados e reforçando o estigma.

Portanto, é essencial que a pesquisa acadêmica abrace as vivências transvestigênera, como um todo, visto que desconsiderar a importância da vida conjugal desta população é reforçar os preconceitos e estereótipos em relação à essa maioria minorizada. Nesse sentido, cabe apontar também, como nas pesquisas com pessoas transvestigênera, as influências

coloniais, CISTemáticas, heteronormativas nos conceitos de amor, conjugalidade e até mesmo sexualidade circunscrevem as relações afetivas e servem de base para subversões nesses arranjos. A exemplo, pode-se citar a pesquisa de Zampirulli (2018), na qual o autor localiza historicamente e socialmente os corpos transvestigêneres, tidos como abjetos, prova disso, é o tensionamento do próprio paradigma do casamento, família e amor, de modo que as subversões na trama relacional e familiar das redes se altera conforme escolha do casal, logo, o amar se transfigura em ato político e se inscreve no plano de combate à hegemonia. Além disso, Pelúcio (2011) afirma que a prostituição, tida como oposta à noção de família, é em muitos casos, uma ponte que possibilita sua estruturação.

Assim, é notável que as configurações relacionais e amorosas de pessoas transvestigêneres desafiam os conceitos incrustados pela ciência moderna acerca desses temas. Logo, como aponta Favero (2020), ao se referir a esse paradigma, é violento exigir benevolência diante de uma ciência que nos massacra diariamente, que reduz as nossas vivências a roteiros de sofrimento e nos aliena de nossas próprias vivências e que pratica o epistemicídio das travestis do Brasil.

Ainda, conforme o delineamento produzido por Mombaça (2016), lembrando que a perspectiva decolonial é uma luta pelo fim do mundo (daquele que conhecemos):

devastado pela destruição criativa do capitalismo, ordenado pela supremacia branca, normalizado pela cisgeneridade como ideal regulatório, reproduzido pela heteronormatividade, governado pelo ideal machista de silenciamento das mulheres e do feminino e atualizado pela colonialidade do poder; mundo da razão controladora, da distribuição desigual da violência, do genocídio sistemático de populações racializadas, empobrecidas, indígenas, trans*, e de outras tantas. (p.15).

Portanto, o apocalipse desse mundo, é a saída epistemológica e que irrompe a possibilidade de escrita desse trabalho. Em acordo com esta perspectiva, essa pesquisa tem por objetivo analisar como estão sendo estudadas as conjugalidades transvestigêneres pela literatura científica brasileira.

MÉTODO

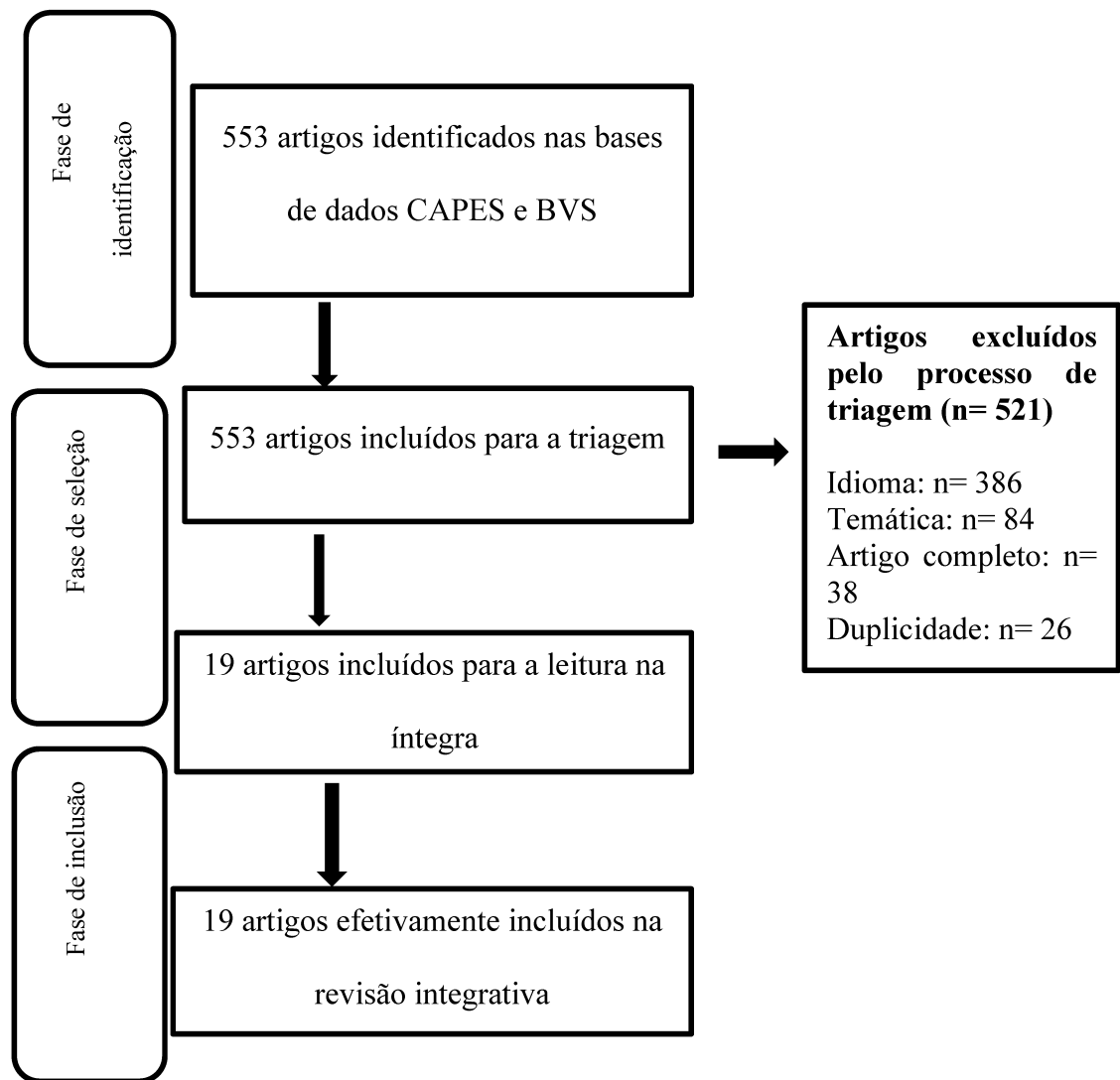
Trata-se de um estudo de revisão integrativa da literatura, o qual visa, através de uma síntese em diferentes tópicos, criar uma ampla compreensão acerca do conhecimento, e, através disso, identificar lacunas na produção científica, necessárias para nortear futuras pesquisas no tema (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011). Dentre as diversas maneiras de se realizar uma revisão de literatura, a abordagem sistemática pode ser caracterizada “como uma síntese de estudos primários que contém objetivos, materiais e métodos claramente explicitados e que foi conduzida de acordo com uma metodologia clara e reprodutível” (GREENHALGH, 1997, p. 672 in BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011, p. 123). Ainda é possível apontar algumas características específicas dessa abordagem, como por exemplo, as etapas pré-definidas, bem como uma metodologia dotada de técnicas específicas e padronizadas que possibilitem a reprodução (ibidem).

Assim, a questão norteadora do estudo é: como estão sendo estudada as conjugalidades trans na literatura científica brasileira? A busca dos estudos foi realizada em bases de dados *online*, nos meses de outubro e novembro de 2022, no Portal de Periódicos da CAPES e na Biblioteca Virtual em Saúde, utilizando os seguintes descritores: (1) conjugalidade AND trans, (2) conjugalidade AND travesti, (3) conjugalidade AND travestis, (4) Afetividade AND trans, (5) Afetividade AND travestis, (6) amor AND trans, (7) amor AND travesti, (8) amor AND travestis e (9) conjugalidades AND trans. A busca resultou no total de 553 referências, sendo 200 advindas da Biblioteca Virtual de Saúde e 353 do Portal de Periódicos de CAPES.

Em seguida, utilizou-se os seguintes critérios de inclusão: (1) publicações em português, (2) publicações voltadas à temática das conjugalidades trans/travestis, (3) publicações no formato de artigos completos em periódicos científicos. Assim, 521 referências foram excluídas por: 386 serem em outros idiomas, 26 caracterizarem duplicidade, 84 não contemplarem a

temática, 38 não serem no formato de artigo completo. Logo, o corpus do estudo foi constituído por 19 referências.

Figura 1 - Fluxograma dos artigos utilizados



Fonte: Figura da autora

A análise foi realizada a partir das seguintes dimensões de análise: (1) Instituições de origem e áreas de conhecimento dos pesquisadores; (2) método e participantes e (3) resultados. Essas dimensões de análise permitiram compreender: Quem tem pesquisado? Quais as vozes ouvidas e como? Quais as configurações de relacionamentos aparecem e quais apontamentos são feitos sobre tal dinâmica relacional?

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da dimensão “instituições de origem e áreas de conhecimento dos pesquisadores” mostra que a instituição de origem dos pesquisadores está distribuída da seguinte maneira: onze são do Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo), sete são do Sul (Rio Grande do Sul), dois do Centro Oeste (Goiás), sete do Nordeste (Bahia, Sergipe, Pernambuco, Maranhão, Rio Grande do Norte), três do Distrito Federal (Brasília), um do Norte (Tocantins) e um de Portugal (Coimbra). Ademais, no que tange ao campo de conhecimento dos autores das pesquisas são: nove da psicologia, quatro da Antropologia, uma da psicanálise, um da medicina, dois das ciências sociais, dois da sociologia, um de Letras, um de comunicação social, uma de saúde coletiva e uma da educação. Apesar de haver mais pesquisadores na região sudeste e mais autores do campo da psicologia, não foi possível identificar grupos de pesquisa voltados para a temática.

Em relação à segunda dimensão, “método e participantes”, os métodos mostraram-se muito amplos e focados em análises qualitativas, excetuando-se um trabalho quantitativo. Logo, foram realizados 13 estudos empíricos qualitativos (cinco etnografias, sete usaram entrevistas, sendo duas com entrevistas narrativas episódicas, e uma observação participante), um estudo empírico quantitativo (com questionário estruturado) e cinco estudos teóricos (uma revisão de literatura, uma análise teórica, uma análise literária, duas análises de filme). Tais métodos parecem sustentar uma relação de distanciamento com as participantes, sendo que em apenas uma delas (AZEVEDO; PEREIRA, 2020) há uma preocupação com a divisão sujeito-abjeta, na qual se contou com o auxílio das participantes para a construção da pesquisa e vice-versa.

Ademais, ainda no que tange a essa dimensão de análise, é possível apontar que 10 dos estudos contaram com mulheres trans e travestis adultas (77 participantes); um deles incluiu pessoas não-binárias (totalizando 90, entre homens trans e pessoas não binárias); um buscou por pessoas trans (travestis) com mais de 60 anos (uma); o restante dos estudos contabilizaram

três homens transexuais, 104 homens cisgêneros (gays e heterossexuais), duas bichas e duas mulheres cisgêneros. Além disso, é possível apontar que as pesquisas não citaram a sexualidade dos homens transexuais e das travestis/bichas/mulheres transexuais. Tais diferenças na quantidade de participantes também se ligam aos métodos de coleta dos dados, visto que uma das pesquisas utilizou questionário semi-estruturados para obtenção de dados, sendo os homens o foco do trabalho. Além disso, também é notável a preocupação dos trabalhos com as mulheres trans/travestis e seus parceiros cisgêneros.

Por fim, quatro pesquisas notificaram a classe social às quais as travestis pertenciam (camadas populares e moradoras da periferia) e, em apenas uma delas, relatou-se uma busca ativa por aquelas que escapassem do estereótipo da trabalhadora sexual (BUSSINGER; MENANDRO, 2017). Uma esmagadora parcela era ligadas à área da estética ou da prostituição, sendo que somente na pesquisa de Azevedo e Pereira (2020) uma das participantes travesti era concursada como agente de saúde e em Alexandre e Santos (2019; 2021) um dos homens trans trabalhava como mecânico e outro em subempregos.

Ademais, em apenas um estudo citou-se a raça/etnia das participantes (AZEVEDO; PEREIRA, 2020), sendo duas brancas e uma negra. Por fim, em seis pesquisas foi citada a questão da escolaridade enquanto característica das integrantes da pesquisa, a saber: apenas uma das travestis possuía o ensino superior completo, uma era estudante universitária, 28 haviam concluído o ensino médio ou estavam cursando. Logo, é possível observar que em nenhum dos estudos houve uma discussão sobre a relação entre a questão racial e os percursos conjugais de pessoas trans, além de que a evasão escolar aparece como o principal determinante das baixas taxas de escolarização.

No que tange à terceira dimensão de análise, em função dos objetivos da pesquisa, foquei nos “resultados” a partir das configurações conjugais, as quais se restringiram a: dinâmica bicha-marido (2), mulher trans/travesti-marido (9), homens trans-esposa cisgênero

(2), travesti-travesti (1) e os (5) demais fazem uma análise filosófica, política, midiática, psicanalítica acerca do amor, suas possibilidades e conjugalidades enquanto conceito teórico. Dessa forma, nota-se: uma predominância de estudos acerca da relação das travestis com suas afetividades e conjugalidades, de modo que, relações transcitradas (entre pessoas trans) ou ainda configurações de relacionamento poliamorosas foram pouco exploradas no escopo de análise desses trabalhos. Ademais, nota-se também a ausência de pesquisas sobre conjugalidades entre pessoas não binárias e a baixa quantidade de casais envolvendo homens trans.

Além disso, tais configurações conjugais são em sua totalidade compreendidas a partir do campo das negociações dos papéis de gênero, porém ainda ressaltam a busca por uma adequação nos padrões cisheteronormativos aos seus próprios modos. Ademais, as pesquisas também apontam a questão da construção do corpo e identidade de pessoas trans e como ela está atravessada e atravessa o campo afetivo e amoroso desses indivíduos. Por fim, ressaltam também a ideia da solidão e rejeição enquanto marcas dessas vivências trans.

A análise da literatura aborda como as concepções clássicas do amor moderno incrustam as relações investigadas nos trabalhos, apontando as negociações de papéis de gênero e a visão colonial que os mesmos carregam em seu bojo. Porém, também, indica subversões e perversões dos modelos tidos enquanto tradicionais.

As pesquisas de Baptista-Silva et al, (2017), Seffner e Müller (2012), Lomando e Nardi (2013), Bussinger e Menandro (2017; 2021), Galvão-Viana e Carvalho (2014), Tavares (2018) debatem especificamente a visão heteronormativa na formação das relações amorosas de pessoas trans, porém marcada por subversões, que vão desde as inversões dos papéis tradicionais no contexto doméstico com a divisão dos afazeres domésticos (SEFFNER; MÜLLER, 2012), no apoio mútuo e flexibilidade dos papéis ou até mesmo as mudanças de posição no ato sexual (BUSSINGER; MENANDRO, 2017).

Baptista-Silva et al, (2017) ainda atualizam e contextualizam através de um exemplo que ocorre no ambiente prisional, voltado para a organização das celas, nas quais a organização dos afazeres domésticos é compartilhada e o protagonismo na relação também é alternado entre o marido e a travesti, o que destoa do ideal de feminilidade/masculinidade hegemônico. Em consonância a isso, a pesquisa de Sander (2021) demonstra os tensionamentos nesses padrões ao deparar-se com travestis, bichas e bofes que compõem o cenário do sistema penitenciário masculino, ressaltando assim que o contexto prisional torna-se potencializador de conjugalidades e amores para aquelas relegadas a objetificação nas ruas, porém também, reforça padrões estereotipados de papéis de gênero que as figuras “femininas” ou “masculinas” devem assumir para serem consideradas um casal.

Além disso, Seffner e Müller (2012) indicam algumas marcas heteronormativas nessas configurações conjugais como: ciúme, homem como provedor do lar, boa vizinhança e vida sexual “normal”/“sem perversões”. Dessa forma, é possível apontar que há uma constante tentativa de adequação, mantida mesmo diante de situações extremas que poderiam ser agonísticas para um casal, mas que, paradoxalmente, estreitam laços. Além disso, Neves (2007) aponta que o amor é comumente associado ao universo do feminino, quase que de modo exclusivo às mulheres, por conseguinte, Benedetti (2005) indica que essa lógica do amor romântico assume um delineamento importante na construção da identidade da sujeita travesti, visto que há essa ligação entre a paixão e a condição feminina, de modo que, apaixonar-se é obter êxito nessa premissa.

Ademais, os discursos acerca do binário masculino/feminino, juntamente com os dispositivos de controle e normalização das identidades, são agentes de modelização da vida (PRECIADO, 2017). Assim, a mesma norma visada, almejada e subvertida por essa população, é a que marginaliza, mata, exclui e extermina, ou ainda, conforme Mombaça (2016), pode ser

também nomeada enquanto projeto de mundo pautado em princípios racistas, cissupremacistas, classistas e heteronormativos.

Por outro lado, as pesquisas de Alexandre e Santos (2019; 2021), ao desdobrarem-se acerca das relações cis-trans entre um homem trans e uma mulher cis, indicam as tentativas de extermínio advindos do projeto necropolítico de poder tais como exclusão e preconceito. Porém, também apontam a importância das redes de apoio familiares e de amigos para a capacitação com recursos aptos a lidar com a marginalização. Além disso, a pesquisa supracitada, juntamente com a de Lomando e Nardi (2013), exploram as potencialidades em não possuir referências hegemônicas de outros casais de modo a reelaborar, ou ainda, redescobrir novas formas de relacionar de maneira mais igualitária e livre. Contudo, Pelúcio (2006) ressalta que diante da falta de possibilidades de identificação, a heteronorma se impõe.

Surge assim, o questionamento se tais relações são irrompidas a partir das fissuras do modelo heteronormativo que se mostra falho e insuficiente, ou seja, são gritos diante do silêncio colonial, visto que, acima de um silenciamento do “subalterno”, há uma não-escuta colonial (Mombaça, 2015). Desse modo, essas relações que escapam da captura cisheteronormativa, se lançam diante do novo, inexplorado e fronteiriço, sem referências ou modelos a serem seguidos, porém, a norma reaparece a cada instância no mundo como conhecemos de diversas formas, de modo que existir e explorar tais formas de amar, é blasfemar, reclamar, lutar e transbordar.

De forma semelhante, as relações entre travestis e seus maridos/homens, por exemplo, também perpassam por redes de apoio, em grande parte das vezes, constituídas por outras pessoas trans. Nesse sentido, Azevedo e Pereira (2020) remontam a perspectiva sócio geográfica das redes de sociabilidades e socialização das travestis e nas possibilidades de afetos a partir das dis(putas) territoriais. Desse modo, há uma ressignificação do corpo enquanto objeto, a partir da própria ocupação dos espaços de prostituição, ou seja, as travestis naquele contexto urbano, encontraram modos estratégicos de se lidar com o amor a partir da

ressignificação da relação com o outro (homem). Por conseguinte, a fonte de “renda” das construtoras da pesquisa é também a forma de resistir ao processo de hipersexualização que sofrem, construindo e alcançando seus objetivos afetivos, corporais e materiais, ou seja, são elas que os usam para alcançar o que desejam para si.

Outrossim, é essencial apontar os tensionamentos produzidos por essas relações na esfera pública, visto seu caráter “...desestabilizador de normatividades pelo simples fato de incorporar corpos que podem ser vistos como abjetos numa instituição hegemônica que é a família...” (ZAMPIROLI, 2018, p.156). Ou ainda, “nós travestis temos nossos sentimentos e corpos lidos como abjetos quando comparadas às mulheres cisgêneros.” (AZEVEDO; PEREIRA, 2020, p. 9). Assim, o amor romântico para as mulheres trans/travestis é, acima de tudo, um ato político de transgressão e persistência: “Nossos corpos são resistência. Nosso amor é persistência.” (DE HOLANDA, 2017, p. 170).

A partir do exposto, é possível questionar acerca dos tensionamentos do amor romântico no campo das transconjugalidades, de modo que, ora ele irrompe enquanto submissão da matriz heteronormativa, ora como possibilidade de subversão da mesma. A maioria dos estudos que possuem as travestis/mulheres trans enquanto participantes, indica a necessidade do sentimento de pertencimento das mesmas, inclusive para seu próprio processo de construção de uma identidade “feminina” (PELÚCIO, 2006; SEFFNER; MÜLLER, 2012; BAPTISTA-SILVA ET AL, 2017; BUSSINGER; MENANDRO, 2017), de modo que o amor seria uma aposta para garantia de reconhecimento.

Porém, quando nos deparamos com as possibilidades dos corpos dissidentes/estranhos (Louro, 2018), ficamos diante das ininteligibilidades que tais corporalidades produzem para o CISTema, de modo que se constrói um design necropolítico que sequer os identifica como possíveis, quiçá suas relações e desdobramentos das mesmas. Desse modo, o amor romântico, estruturado e estruturante dessa norma, carrega em seu bojo uma lógica de exclusão de tais

sujeitos, criando campo para que novas formas de um amor insubordinado/dissidente/desobediente possam florescer. Assim, é essencial pontuar que “...nem toda insubordinação leva a perdas e ao desgaste. Ao contrário: como demonstrado pelos/pelas colaboradores/as, remar contra a maré social também envolve um momento de criação, um momento onde coisas novas podem ser geradas” (ALEXANDRE, 2020, p. 165).

Por conseguinte, vale apontar que alguns dos trabalhos trazem perspectivas únicas e inovadoras para a temática como o de Almeida e Belo (2019), focando nos desdobramentos, possibilidades e impossibilidades para o homem cisgênero amar alguém transvestigênera. Ademais, Tavares (2018) traz a perspectiva geracional para o tema, enquadrando as vivências de uma travesti de mais de 60 anos, a qual é relegada à desmontagem e renegação de sua experiência identitária, para viver sua solidão e abandono em um asilo. Assim, é levantada de forma crítica o apagamento dessa perspectiva geracional para trabalhar o tema das conjugalidades, ainda mais ao se tratar de pessoas transvestigêneras.

Outro ponto levantado enquanto alternativa insubordinada/decolonial/traviarcal para a dificuldade em sustentar uma relação trans-afetiva, em especial para pessoas cisgêneras, foi trazido por Azevedo e Pereira (2020) através dos relacionamentos transcitrados. Pensando que não há referências normativas, é preciso então que esses indivíduos criem novos delineamentos e formas de estar e vivenciar a conjugalidade dentro do apagamento, de modo que casais constituídos por duas pessoas trans, surgem enquanto possibilidade.

Ademais, essas conjugalidades insubordinadas a partir da dinâmica transcitrada significam uma contraposição à norma heterossexista, monogâmica, colonial que visa o potencial reprodutivo do casal. Além disso, a pesquisa de Galli (2013) indica que casais cis-trans estão implicados numa relação de poder, visto que a parcela cisgênera, ou seja, aquela alinhada às normas, supostamente, teria poder de outorgar legitimidade e pertencimento à parcela trans, ao assumir a relação de forma pública. Portanto, esse modo específico de

relacionamento dissolveria também tais tensionamentos discursivos, visto que ambos componentes do casal estariam habitando as fronteiras da cisheteronorma.

Por fim, o estudo de Noletto (2017) demonstra, a partir de uma análise teórica e cenográfica das quadrilhas juninas típicas e tradicionais, os padrões cisheteronormativos sendo (re)produzidos coreograficamente, através das danças de casais. Porém, através dessas mesmas cenas, é possível analisar a insubordinação de certas corpos dissidentes que insistem em integrar tais cenas, ora encenando ora performando a diferença em sua própria identidade, ou seja, dentro da própria reprodução da tradição nas danças juninas, essas subjetividades trans também aparecem, subvertendo a lógica dos “casais heteronormativos”. Desse modo, é evidente que a norma/projeto de extermínio também frutifica a possibilidade de desobediência/subversão, assim “Não queimem as bruxas, mas que amem as bixas, mas que amem” (Linn da Quebrada, 2019).

ATRAVECAMENTOS FINAIS

Ao análise realizada mostra como têm sido estudadas as conjugalidades trans na literatura científica brasileira e abordou as diversas perspectivas adotadas pelos pesquisadores. O amor para essa população aparece nos trabalhos acadêmicos ora enquanto subversão, ora como submissão à heteronorma, de modo que poucos trabalhos destacam as possibilidades de uma *conjugalidade insubordinada* que irrompa a partir da impossibilidade/invisibilização/morte como proposta de vida e criação. Ademais, as pesquisas, em sua maioria, trazem visões que se restringem às vivências de pessoas trans no campo afetivo e amoroso, na perspectiva do sofrimento e dor. Desse modo, apesar das relações amorosas dessa população terem ganhado mais espaço na academia, os modos de se pesquisar, analisar e apresentar os resultados ainda perpassa pelo design global de apagamentos, extermínios e necropolíticas (MOMBAÇA, 2016).

Assim, é preciso atravessar o tema das conjugalidades com epistemologias e discursos outros que demonstrem as potencialidades e poéticas que essas vivências transbordam. Além disso, a análise realizada aponta a importância de se abrir novos delineamentos e caminhos investigativos, focando nas questões étnico-raciais, da sexualidade, das corporalidades, e das não-binaridades relacionadas com o amor enquanto ação, ética, estética, política e artística.

Por fim, conforme Hooks (2019), “nós escolhemos amar”. Diante do design normativo e violento que se instaura nos discursos e ações, devemos fazê-lo de forma estratégica, subvertendo sua lógica ao criar e desafiar os moldes tradicionais de amar com nossas próprias vivências trans. Em acordo com Mombaça (2016, p.18) ,“Em homenagem a Conceição Evaristo, a gente combinamos de não morrer...são eles que morrem a gente, apesar do que a gente combinamos”, esse trabalho também reconhece a máquina mortífera que se instaura no seio da própria sociedade, massacrando a população transvestigênera e impossibilitando seus acessos materiais, afetivos, vivenciais, etc. Portanto, diante desse contexto apontado, o amor pode ser uma ferramenta de autocuidado, proteção e promoção da vida, subversão, criação, e assim, amar é se armar e, acima disso, TRANSbordar.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, V. & SANTOS, M. A. Experiência Conjugal de Casal Cis-trans: Contribuições ao Estudo da Transconjugalidade. **Revista Ciência e Profissão**, v. 39, (n.spe 3), p. 75-87, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/JcvF89SD84PGPPbBzQWyBMt/?lang=pt>. Acesso em: 04 maio 2023.
- ALEXANDRE, V. **Vivendo uma conjugalidade insubordinada: narrativas de casais cis-trans e casais transcentrados**. Ribeirão Preto-SP. (Dissertação), Universidade de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59141/tde-14022021-215819/pt-br.php>. Acesso em: 06 set. 2023.
- ALEXANDRE, V.; SANTOS, M. A. Conjugalidade Cis-Trans: Reinventando Laços, Desestabilizando Certezas. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 41, p. 1-16, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003224044>. Acesso em: 04 maio 2023.
- AZEVEDO, P. C.; PEREIRA, E. D. “Cidade pequena não dá pra travesti, é só fumo”: performatização da identidade travesti e o contexto urbano mossoroense. **Ponto Urbe: Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, v. 26, n.p, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.7901>. Acesso em: 03 set. 2023.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BAPTISTA-SILVA, G.; HAMANN, C.; PIZZINATO, A. Casamento no Cárcere: Agenciamentos Identitários e Conjugais em uma Galeria LGBT. **Paidéia Cadernos De Psicologia E Educação**, v. 27, suppl 1, p. 376-385, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-432727s1201702>. Acesso em: 03 set. 2023.
- BENEDETTI, M. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. A., MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/10515/o-metodo-da-revisao-integrativa-nos-estudos-organizacionais>. Acesso em: 03 set. 2023.
- BUSSINGER, R. V.; MENANDRO, M. C. S. Ensaio para uma ética do amor e do desejo: representações sociais de masculinidades e amor para travestis. **InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 104–141, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/insurgencia/article/view/19376>. Acesso em: 6 set. 2023.
- BUSSINGER, R. V.; SMITH MENANDRO, M. C. Os efeitos do binarismo de gênero nas estruturas cognitivas e na construção do pensamento social dos filhos da injúria. **Revista Ártemis**, [S. l.], v. 31, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/57615>. Acesso em: 6 set. 2023.
- DA MATA, J. J.; SANTOS, M. A.; SCORSOLINI-COMIN, F. Conjugalidade e parentalidade em casais homossexuais e heterossexuais: Revisão integrativa da literatura. **Pensando**

Famílias, v. 24, n. 2, p. 32-45, 2020. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v24n2/v24n2a04.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2023.

DE ALMEIDA, M. M.; BELO, F. R. R. As mulheres trans como objeto de amor: Leitura laplancheana. **Revista Periódicus**, v. 2, n. 11, p. 65–82. Disponível em:
<https://doi.org/10.9771/peri.v2i11.24627>. Acesso em: 04 maio 2023.

ERICH, S.; TITTSWORTH, J.; DYKES, J.; CABUSES, C. Family relationships and their correlations with transsexual well-being. **Journal of GLBT Family Studies**, v. 4, n. 4, p. 419-432, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15504280802126141>. Acesso em: 03 set. 2023.

FAVERO, S. Por uma ética pajubariana: a potência epistemológica das travestis intelectuais. **Equatorial–Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, v. 7, n. 12, p. 1-22, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/2446-5674.2020v7n12iD18520>. Acesso em: 03 set. 2023.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Tradução: M. T. C. Albuquerque & J. A. G. Albuquerque. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1999.

GALLI, R. A. **Roteiros sexuais de transexuais e travestis e seus modos de envolvimento sexual-afetivo**. Ribeirão Preto, SP. (Dissertação), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, 2013.

GALVÃO, L.; CARVALHO, I. S. Gêneros inteligíveis em cena: o cinema e a produção de verdades sobre os corpos. **Athenea digital**, 2014, v. 14, n. 2, p. 171-193, 2014. Disponível em: <https://raco.cat/index.php/Athenea/article/view/293306>. Acesso em: 04 maio 2023.

GIDDENS, A. **A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Tradução de Magda França Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Ed. (2a). São Paulo, Editora Unesp, 1991.

GUEDES, D.; ASSUNCAO, L. Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética?). **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 6, n. 2, p. 396-425, 2006. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151861482006000200007&lng=pt&nr=iso. Acesso em: 06 set. 2023.

HOLANDA, L. (2017). Nós, trans. *In*: GRUPO TRANSCRITAS COLETIVAS. **Nós Trans: escrevivências de resistência**. Belo Horizonte: Litera Trans, 2017a. p.170.
HOOKS, B. **Vivendo de Amor**. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em: 03 set. 2023.

LINN DA QUEBRADA. **Oração**. São Paulo: Altafonte Network: 2019. Suporte (4 minutos)

LOMANDO, E.; NARDI, H. C. Conjugalidades múltiplas nas travestilidades e transexualidades: uma revisão a partir da abordagem sistêmica e da psicologia social. *Saúde*

em Debate, v. 37, n. 9, p. 493-503, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-11042013000300013>. Acesso em: 20 ago. 2023.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MARTINS-SILVA, P. O. **Vivendo casamentos, separações e recasamentos: um estudo sobre o campo representacional da conjugalidade**. Vitória, ES. Tese de doutorado. Programa de Pós- Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, 2009.

MOMBAÇA, J. Pode um cu mestiço falar? [S.I.]: Medium, 2015. Disponível em: <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>. Acesso em: 7 ago. 2017.

MOMBAÇA, J. Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada. **Concinnitas**, v. 1, n. 28, p. 334-354, 2016.

NEVES, A. S. A. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: A caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”? **Estudos Feministas**, v. 15, n. 3, p. 609-627, 2007. Disponível em: 10.1590/S0104-026X2007000300006. Acesso em: 20 ago. 2023.

NOLETO, R. Casamento em performance, parentesco em questão: Gênero e sexualidade no São João de Belém, Pará. **Cadernos PAGU**, n. 51, n.p, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201700510020>. Acesso em: 03 set. 2023.

OLTRAMARI, L. C. Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura. **Psicologia em Estudo**, v. 14, n. 4, p. 669-677, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722009000400007>. Acesso em: 04 maio 2023.

PELÚCIO, L. Três casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem. **Estudos Feministas**, v. 14, n. 2, p. 522-534, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2006000200012>. Acesso em: 20 ago. 2023.

PELÚCIO, L. ‘Amores Perros’ – sexo, paixão e dinheiro na relação entre espanhóis e travestis brasileiras no mercado transnacional do sexo. In: PISCITELLI, A.; ASSIS, G.O.; OLIVAR, J. M. N. (org.) **Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil**. Campinas: Unicamp-PAGU, 2011, p. 185-224.

PRECIADO, P. B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: Zahar, 2017.

SANDER, V. As bichas e os bofes na crise do sistema penitenciário. **Cadernos pagu**, n. 63, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449202100630011>. Acesso em: 03 set. 2023.

SEFFNER, F.; MÜLLER, M. I. Quem ama sofre, quem sofre luta, quem luta vence: da conjugalidade entre travestis e seus maridos. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 285-295. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/22397>. Acesso em: 6 set. 2023.

TAVARES, M. S. SOBRE AMOR, SEXO E PROTEÇÃO SOCIAL: traçados de classe, gênero e geração. **Revista De Políticas Públicas**, v. 22, p. 851–870, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.18764/2178-2865.v22nEp851-870>. Acesso em: 03 set. 2023.

VERGUEIRO, V. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. Salvador, BA. (Dissertação), Universidade Federal da Bahia, 2015.

ZAMPIROLI, O. (2018). Tornar-se esposa, fazer-se mulher: o casamento estabelecendo gênero nas relações conjugais de mulheres trans/travestis. **Teoria e Cultura**, v. 13, n. 1, p. 149-160. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/2318-101X.2018.v13.12401>. Acesso em: 03 set. 2023.